

Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2013



**PARANÁ**

GOVERNO DO ESTADO  
Secretaria da Educação

# RECURSOS DIDÁTICOS E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS AULAS DE GEOCIÊNCIAS NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL (COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO E MARCOS CAVANIS/CASTRO-PR)

**Mariliz Tulio**

**Resumo:** Este artigo é um requisito do Programa de Desenvolvimento Educacional do Governo do Estado do Paraná, PDE/2013. Tem por objetivo socializar o trabalho de elaboração e implementação de uma unidade didática (UD) na área de Geociências, aplicada a uma turma do 6º Ano do Ensino Fundamental, bem como relatar detalhes do processo. A utilização de recursos didáticos, tais como filmes, documentários e saídas de campo, busca tornar as aulas de geografia mais atrativas, fazendo o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, já que se constata que grande parte dos alunos demonstra pouco interesse naquilo que é ensinado na escola, fato possivelmente ligado ao contraste com a elevada gama de informações nos meios midiáticos, sua vistosidade e assim sua maior capacidade de capturar a atenção dos alunos. Acredita-se que os recursos aqui propostos levaram os alunos a perceber que a geografia está em todos os lugares, sendo passível de interações instrutivas, ricas e prazerosas.

**Palavras-chave:** Geociências; Recursos Didáticos; Filme; Documentário; Saída de campo; Aula Visita; Tecnologia.

## 1 Introdução

O presente trabalho é parte integrante das atividades previstas no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE/2013, ofertado pela Secretaria de Estado de Educação do Paraná. Tem por objetivo socializar o trabalho de elaboração e implementação da Unidade Didática (UD) intitulada “Recursos Didáticos e sua Importância para as Aulas de Geociências no 6º Ano do Ensino Fundamental (Colégio Estadual Antonio e Marcos Cavanis/Castro-PR)”, bem como apresentar considerações a respeito de como se deu esse processo.

Faz-se necessário o uso dos mais variados recursos didáticos para prender a atenção dos educandos e que estes passem a se interessar mais pelas aulas de geografia, construindo assim um conhecimento científico significativo.

O emprego dos mais variados recursos nas aulas oportuniza aos alunos o contato com diversas fontes que podem auxiliar na compreensão do conteúdo estudado.

Hoje em dia boa parte dos alunos tem acesso a diversos recursos tecnológicos e, então, precisamos mais do que nunca nos inteirar dos mesmos para buscar complementos interessantes às nossas aulas expositivas, muitas vezes seguidas de um único recurso que é o livro didático.

Segundo Bastos (2011, p. 45), devemos buscar recursos de acordo com a realidade que cerca a vida do aluno, considerando que temos uma ampla gama de opções, tais como músicas, documentários, slides, que vêm de encontro às necessidades de professores de tornar o ensino mais prazeroso e significativo.

Teruya (2006, p. 21) diz que:

Nesse contexto, o professor deve apropriar-se de diferentes linguagens existentes no mundo da mídia, não apenas decifrar códigos, mas também estar munido de uma interpretação crítica dos conteúdos que circulam nos diversos meios de comunicação. Isto significa reconhecer nas mensagens midiáticas possibilidades de enriquecer as metodologias didáticas no sentido de ampliar os horizontes cognitivos, explorando os mediadores tecnológicos do som, das imagens no processo de apropriação, reprodução e produção do conhecimento.

Portanto, este projeto de intervenção pedagógica justifica-se pelo fato de que o mundo está cada vez mais voltado para o domínio técnico da informação e do conhecimento. Sabemos que para sermos bem-sucedidos neste mundo globalizado e que está em constante mudança, é necessário estarmos adaptados à sociedade da informação, pois, constantemente, ouvimos dos nossos alunos comentários relacionados a conteúdos que viram ou ouviram na mídia.

Cabe aos profissionais da educação a busca por alternativas para tornar o ensino mais atraente, levando o aluno a ver a escola como um ambiente onde ele constrói o conhecimento baseado também em recursos tecnológicos, os quais estão presentes em muitos segmentos de nossa vida.

Entretanto, percebemos que temos dificuldade em satisfazer as inúmeras curiosidades dos alunos, já que eles têm acesso a muitas informações nos diversos recursos midiáticos, porém de uma forma não sistematizada.

Isso pode tornar as aulas chatas, enfadonhas, levando os alunos ao desinteresse, à falta de participação e, com frequência, à indisciplina.

Chegamos então à conclusão de que muitas vezes aquilo que ensinamos não teve significado algum para o aluno. Isso é perceptível nos momentos de avaliação, os quais nos levam ao questionamento da nossa prática pedagógica.

Para Bastos (2011, p.45), a escola tem diminuído seu papel de meio privilegiado de aquisição de conhecimentos, seja de qual área for. Disso resulta para o aluno uma espécie de distorção, na medida em que a escola não satisfaz as curiosidades nascidas na rua, em casa ou nos livros.

Nesse contexto, nosso objetivo principal foi o de oportunizar ao aluno o contato com recursos didáticos variados facilitando a aprendizagem e tornando-a mais significativa e positiva. Para tal, buscamos facilitar ao aluno o contato com minerais, rochas e fósseis instigando a curiosidade; contemplar e enriquecer as informações através de observação reflexiva de vídeos, animações, documentários e filmes; oportunizar o contato direto com a natureza através de saídas de campo enquanto forma de lazer, enriquecimento individual, cultural e aprendizado e possibilitar a pesquisa de materiais e informações específicas tendo a internet como ferramenta.

## **2 Fundamentação Teórica**

Com um mundo avançando rapidamente através da tecnologia, é preciso que a escola repense e mude com urgência sua maneira de ensinar e educar, já que percebemos que nossa clientela vem para o ambiente escolar cada dia mais desinteressada. As políticas educacionais já vêm repensando tais dificuldades, buscando desenvolver novas formas de trabalho.

Segundo Teruya (2006, p. 41),

Os PCN's apresentam de forma sofisticada e eclética, uma concepção de escola como um local privilegiado de formar cidadãos competentes e fornecem um receituário com características de modelo idealizado pelo novo paradigma de conhecimento. Recomendam a utilização dos meios eletrônicos na educação para aperfeiçoar as situações de aprendizagem na sala de aula [...]

Não podemos nos esquecer de que estes recursos trazem contribuições, mas de maneira alguma substituem o professor, que além de ensinar, transmitir conhecimentos, educa para a vida, forma cidadãos críticos capazes de interferir na realidade de maneira consciente e reflexiva.

Pedro Demo (2004, p.11-13) afirma que:

[...] temos que discutir a importância do professor nesta sociedade intensiva de conhecimento, considerando-o figura estratégica. Por figura estratégica entendo sua centralidade na constituição e funcionamento desta sociedade, ocupando lugar decisivo e formativo. [...] Ser profissional hoje é, em primeiro lugar, saber renovar, reconstruir, refazer a profissão. Professor não é quem dá aula. “Dar aula” tornou-se expressão vulgar para mera reprodução de conhecimento, reduzindo-se a procedimento transmissivo de caráter instrucionista. [...] Por isso é fundamental redefinir o professor como quem cuida da aprendizagem dos alunos, tomando o termo “cuidar” em seu sentido forte, como propõe Boff (1999). Saber cuidar significa dedicação envolvente e contagiante, compromisso ético e técnico, habilidade sensível e sempre renovada de suporte do aluno, incluindo-se aí a rota de construção da autonomia.

As tecnologias vêm se diversificando cada vez mais, mas devemos perceber que o mundo que nos cerca também deve ser estudado de forma diferenciada, portanto, cabe aos professores procurar diferentes formas de ensinar para que o aluno atinja a aprendizagem nos bancos escolares.

Segundo Castrogiovani citado por Gusmão, Sampaio e Sampaio (2002, p.6750-6751):

Há tempos o professor e o livro didático deixaram de ser a única fonte de conhecimento. O professor precisa se atualizar, produzir e questionar as informações nele contidas, pois ele ainda é um instrumento necessário como complemento às atividades didático-pedagógicas devendo ser utilizado como um dos recursos entre tantos disponíveis, não pode ser convertido em um manual didático.

Muitas vezes nos prendemos demais a este recurso didático, tanto por insegurança quanto por falta de explorar outros recursos disponíveis que poderiam enriquecer as aulas. O fato de podermos escolher o livro didático para trabalharmos também nos prende a ele, pois fizemos um reconhecimento detalhado de seu conteúdo o qual em grande parte nos satisfaz para que pudéssemos optar por este ou aquele autor.

Segundo Alencar, Nascimento e Guimarães (2012, p.12)

“Os PCN’s reconhecem o livro didático e a exposição oral do professor como as metodologias utilizadas em sala de aula com os estudantes, ressaltando ainda a importância do espaço vivido como referência na compreensão dos conteúdos inseridos no terceiro e quarto ciclos (1998, p.29). Vessentini (2008, p.56) também critica os educadores que utilizam o livro como definidor das aulas e orienta que ele seja usado como apoio no planejamento de aulas e complementos das mesmas”.

De acordo com Kaercher (1997) citado por Gusmão, Sampaio e Sampaio (2002, p.6751) “a geografia não é só o que está nos livros ou o que o professor fala, você a faz diariamente”. É necessário que também o professor entre em contato com o mundo dos alunos. O mundo da TV, do game, do vídeo, do computador. Se é preciso que o aluno sinta-se motivado para dar tais contribuições ao seu processo de aprendizagem, cabe ao educador inovar, buscar entender e se relacionar com essas novas tecnologias de ensino.

Segundo Dowbor (2001, p. 9-11),

A educação já não pode funcionar sem se articular com dinâmicas mais amplas que extrapolam a sala de aula. [...] Mas as tecnologias sem a educação, conhecimentos e sabedoria que permitam organizar o seu real aproveitamento levam-nos apenas a fazer mais rápido e em maior escala [...]. Não é apenas a técnica de ensino que muda, incorporando uma nova tecnologia, mas sim a própria concepção do ensino que tem que repensar os seus caminhos.

Percebemos em sala de aula que nossos alunos trazem uma gama de informações muito grande principalmente via internet, mas quando precisam filtrar, organizar ideias, escrever de forma sucinta, expor de forma crítica suas conclusões eles apresentam grandes dificuldades devido ao caos informativo presente nesse meio. Dentro desse contexto, o papel fundamental do professor é o de mediador e norteador do conhecimento, para auxiliar o aluno a sistematizar aquilo que ele pesquisou e produziu.

Gusmão, Sampaio e Sampaio consideram que especialmente “o professor de geografia tem a nobre função de favorecer a compreensão de mundo, a análise crítica da realidade, o desmistificar da sociedade” (2005, p. 6747).

Segundo Dowbor (2001, p.32-34),

Nosso desafio, portanto, não é só o de introduzir novas tecnologias com o conjunto de transformações que isto implica, mas também de assegurar que as transformações sejam fonte de oportunidades. Não se trata mais de gerar o currículo adequado a partir de instâncias “superiores”, mas de se adaptar àquilo que o aluno efetivamente necessita nos diversos eixos de interação com o mundo.

Deve-se ressaltar que os recursos tecnológicos apenas auxiliam o professor, pois, se este não se planejar, objetivar, tiver uma sequência didática para trabalhar o conteúdo proposto os recursos ficarão apenas como um simples material que não

levou ao conhecimento pleno no processo ensino/aprendizagem. Sabemos que as inovações tecnológicas estão cada vez mais presentes neste mundo contemporâneo e globalizado e terão um impacto cada vez maior na educação escolar e em nossas vidas. Devemos fazer com que nossos alunos, através desta gama de recursos tecnológicos, saibam refletir, analisar e estabelecer críticas com aquilo que está vinculado aos meios de comunicação.

Segundo Gusmão, Sampaio e Sampaio (2002, p.6752),

A cultura produzida neste mundo de tecnologia é repleta de informações geográficas: filmes, desenhos, charges, fotografias, slides, anúncios de publicidade, CD-ROMs, músicas, poemas, representam de forma variada os fenômenos geográficos.

A nossa formação acadêmica não foi privilegiada com a disponibilidade e riqueza de tantos recursos tecnológicos como os que se tem agora, portanto temos dificuldades de manuseio e até mesmo de organizarmos materiais disponíveis na mídia para enriquecer nosso trabalho.

Em relação a essa dificuldade, Gusmão, Sampaio e Sampaio afirmam que o professor precisa vencê-la

[...] sem cair no fascínio pelo moderno, sofisticado, se apropriando desses recursos como ferramentas auxiliares em seu trabalho. Os recursos didáticos são responsáveis por fazer mediação entre o conhecimento teórico trazido pelo professor e a respectiva compreensão e análise por parte do aluno. Por isso deve pensar em recursos que proporcionem o conhecimento do aluno face à complexidade apresentada pelo objeto mais claro da geografia: o espaço. (2002, p.6754)

Como educadores devemos sempre buscar por nos inteirar das diferentes linguagens que estão na mídia. Devemos assumir uma posição crítica a respeito do que circula nos mais variados meios de comunicação e auxiliar os alunos a fazer um paralelo entre o que é mostrado e o que é real.

Para Teruya (2006, p.21),

[...] isto significa reconhecer nas mensagens midiáticas as possibilidades de enriquecer as metodologias didáticas no sentido de ampliar os horizontes cognitivos, explorando os mediadores tecnológicos do som e das imagens no processo de apropriação, reprodução e produção do conhecimento.

Para Faria et al. “vive-se uma explosão de informações intermináveis, cada uma criando infinitas possibilidades de interpretação”. Dessa forma as escolas passam a selecioná-las de acordo com seus objetivos, capacitações e até mesmo interesses (2007, p.169).

Ainda de acordo com esses autores “a comunicação através do recurso imagético é uma nova forma de se contemplar e enriquecer a informação. Filmes, desenhos e documentários produzem uma forte relação de interação com o público” (2007, p.171).

Gostaríamos de destacar a utilização de documentários, os quais “diferem dos demais recursos imagéticos [...] por terem como princípio norteador a preocupação de transmitir a informação em cunho didático” (ALMEIDA & FERREIRA, 2006 apud FARIA et al., 2007, p.171). Para Faria et al., um documentário oferece a possibilidade de novas releituras cada vez que é assistido, pois é um compromisso desse tipo de recurso.

Sempre que tiramos nossos alunos de sala (saída de campo) para pesquisarmos algo relacionado ao conteúdo ministrado, percebemos um maior interesse e participação, já que o real, o concreto os leva a uma aprendizagem mais significativa.

A respeito do trabalho de campo, França diz que:

[...] é uma atividade bastante adequada às propostas de educação de cunho sócio construtivista, além de ser fundamental aos estudos geográficos. O trabalho de campo proporciona a observação in loco das paisagens, o que facilita a compreensão dos alunos, pois tudo que é vivenciado pode ser mais facilmente apreendido (2008, p. 147-148).

Um trabalho de campo por mais simples que sejam seus objetivos, tem de acordo com Ogallar (1996) apud França (2008, p. 148) um valor didático muito elevado, na medida em que:

- favorece a conceituação geográfica, através da visualização concreta de aspectos físicos e humanos presentes no meio;
- a visualização facilita a compreensão e fixação de conceitos trabalhados em sala de aula;
- permite a visão integrada da realidade, possibilitando estabelecer relações de dependência entre elementos;



- torna a turma mais coesa favorecendo as relações professor/aluno, na medida em que o ambiente externo à sala de aula permite uma maior comunicação e colaboração mútua;
- possibilita a associação entre a teoria e a prática.

Segundo Alencar, Nascimento e Guimarães (2012, p.4),

No estudo das ciências da Terra aprende-se a decifrar a origem e demais manifestações dos processos endógenos e exógenos, bem como seus resultados de milhões de anos até o presente. Para isso as saídas de campo auxiliam a constatação desta rica e variada história contribuindo para a alfabetização científica.

Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Geografia (DCE-Geografia),

[...] a instrução nº 04/2005 da SEED/SUED suprimiu, da parte diversificada da matriz curricular, as várias disciplinas criadas pelas políticas anteriores, dentre elas, as que abordavam as especificidades regionais como, por exemplo, os assuntos relacionados à Geografia do Paraná. Ficou estabelecido então, que tais assuntos devem ser contemplados nos conteúdos curriculares da disciplina matriz, nesse caso, a Geografia (PARANÁ, 2008, p.50).

Há alguns anos tínhamos muita dificuldade com relação aos materiais relacionados à Geografia do Paraná, mas, atualmente, percebe-se que muitas coisas surgiram com relação ao nosso estado, tais como vídeos, documentários, slides, museus, parques, dentre outros, sendo alguns deles produzidos por universidades do nosso estado. Cabe a nós educadores explorá-los de maneira com que nossos alunos saibam mais a respeito da região em que vivem valorizando-a, pois esta tem muitas riquezas minerais e naturais exploradas economicamente e reconhecidas no contexto mundial.

Através da utilização de variados recursos didáticos na disciplina de Geografia, buscamos tornar nossas aulas mais enriquecedoras e significativas, pois a facilidade que nossos alunos têm com relação ao manuseio de tecnologias eletrônicas, e, por outro lado, a pouca aplicabilidade das tecnologias pelos professores, faz com que percebam a escola como um local pouco interessante.

### **3 Metodologia**

Este projeto foi desenvolvido com os alunos do 6º Ano A do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Antonio e Marcos Cavanis, no município de Castro, Paraná, nas aulas de Geografia no 1º semestre do ano letivo de 2014.

O encaminhamento metodológico privilegiou o trabalho com alguns recursos didáticos dentro e fora da sala de aula, tais como aula de campo, filme e documentário, tendo em vista a importância de tais recursos para o enriquecimento do aprendizado.

De acordo com as DCE-Geografia,

[...] algumas práticas pedagógicas para a disciplina de geografia atreladas aos fundamentos teóricos destas diretrizes tornam-se importantes instrumentos para a compreensão do espaço geográfico, dos conceitos e das relações socioespaciais nas diversas escalas geográficas (PARANÁ, 2008, p.80)

A aula de campo não foi vista pelos alunos apenas como um passeio para ilustrar o conteúdo. Eles perceberam que houve toda uma sequência organizada pela professora, onde esta delimitou “previamente o trajeto de acordo com os objetivos a serem alcançados” (PARANÁ, 2008, p.81).

As DCE-Geografia afirmam ainda que:

Filmes, trechos de filmes, programas de reportagem em geral podem ser utilizados para a problematização dos conteúdos de geografia, desde que sejam explorados à luz de seus fundamentos teórico-conceituais. Para isso é preciso observar alguns critérios e cuidados (PARANÁ, 2008, p.81).

### **4 Desenvolvimento da Proposta**

Para envolver os alunos no desenvolvimento do tema “Recursos Didáticos e sua Importância para as Aulas de Geociências no 6º Ano do Ensino Fundamental (Colégio Estadual Antonio e Marcos Cavanis/Castro-PR)”, propus a eles diferentes estratégias didáticas que englobaram leitura e interpretação de materiais atrativos e ilustrativos, levando-os a questionar e relatar o que sabiam do assunto.

Foram realizadas variadas atividades, tanto individuais quanto coletivas, nas quais puderam compreender os conteúdos que foram trabalhados através da

observação de um filme e um documentário, análise de um texto científico, confecção de cartazes, manuseio de amostras de rochas e minerais presentes em nossa região e discussão sobre sua importância, bem como um bate papo informal com o guia de turismo que nos acompanhou na saída de campo e na aula-visita. Produzimos um texto lembrando o desenvolvimento de nossas atividades e sua importância e finalizamos o projeto com a pesquisa intitulada “Será que valeu a pena?”, através da qual se fez a verificação dos resultados.

Na UD foram contempladas as catorze atividades listadas a seguir:

- 1- Vamos viajar???
- 2- Trocando ideias...
- 3- Pausa para o cinema (*Cine pipoca*)
- 4- Vamos cair na real???
- 5- Vamos separar o que é comprovado cientificamente daquilo que é mera ficção científica?
- 6- Viajando na leitura.
- 7- Comprovando o que a ciência provou... (partindo do global para o local).
- 8- Socializando o que aprendeu...
- 9- Manuseando nossas riquezas!!!
- 10- O que preciso saber antes de ir conhecer?
- 11- Aula de campo: vamos conhecer e aprender???
- 12- Aula-visita: fazendo uma ponte com o passado...
- 13- Sistematizando informações.
- 14- Verificação dos resultados: será que valeu a pena???

## **5 Resultados Obtidos e Discussões**

Foram utilizadas trinta e duas aulas na implementação da UD, e o material de suporte didático para os alunos foi sendo apresentado ou distribuído no decorrer do projeto.

A descrição a seguir foi estruturada de modo a verificar se os objetivos da implementação de que trata este artigo foram alcançados, ou seja, se os alunos realmente aprenderam de maneira atrativa e prazerosa os conteúdos propostos.

Já na segunda semana de aula foi dada uma explicação sobre o que faríamos no decorrer do primeiro semestre de 2014, e que se tratava de um requisito do PDE-Turma 2013. Nessa mesma oportunidade enviei aos pais um comunicado sobre a participação dos alunos no projeto.

Na sequência, instiguei os alunos com um panfleto ilustrativo “pacote promocional”, que propunha uma viagem ao centro da Terra. Este gerou um grande interesse e participação, pois muitos já tinham visto reportagens e ou filmes que tratavam do assunto abordado. Os questionamentos também foram em grande quantidade, já que alguns conheciam muito pouco sobre esta impossível aventura. A atividade foi de grande valia, pois sempre busco no início do ano letivo a socialização, interação e troca de ideias entre os alunos, pois nosso colégio também atende alunos de localidades mais distantes e carentes, e que muitas vezes não têm acesso a todos os recursos que foram trabalhados.

Depois de a maioria ter participado intensamente através da exposição de conhecimentos prévios sobre o assunto e também muitas indagações, fizemos uma troca de ideias que estimulou a curiosidade e contribuiu no processo de ensino e aprendizagem que se concretizou no decorrer das atividades.

A terceira atividade oportunizou aos alunos assistirem ao filme “Viagem ao Centro da Terra”, o qual é uma ficção científica onde alguns cientistas organizam uma viagem ao interior do planeta, tentando impedir que cheguemos ao caos, já que o aumento das erupções vulcânicas e terremotos poderia destruir a humanidade e até mesmo o planeta. Foi esclarecido aos alunos que o filme tem cenas de ficção, mas que trabalharíamos em outro momento separando-as do que é comprovado cientificamente. Percebi no decorrer do filme um interesse muito grande, principalmente por parte dos meninos, pelas cenas emocionantes e de aventura, as quais estimularam a curiosidade sobre o conhecimento geológico do interior da Terra. Fiz algumas paradas durante o filme para salientar alguns acontecimentos que seriam de grande importância para a aprendizagem dos conteúdos científicos. Vi nessa atividade momentos de grande alegria e interesse, uma vez que buscava realmente capturar a atenção dos alunos para uma aprendizagem prazerosa.

Após o término do filme, fizemos uma retomada dos principais acontecimentos enfocando os conhecimentos geológicos do interior da Terra. Pude perceber aqui a dificuldade de alguns alunos em produzir de forma escrita o entendimento sobre aspectos do filme. Portanto, retomei o assunto para que obtivéssemos êxito na atividade proposta.

Depois disso, distribuí um quadro para que fizessem a separação dos fatos comprovados cientificamente e os trechos de mera ficção no filme. Observei que a maioria dos alunos construiu o conhecimento a respeito da realidade e da ficção.

Incentivei-os a buscar na biblioteca da escola a obra de Julio Verne, na qual o filme foi baseado, fomentando o hábito da leitura. Mais uma vez vi nos meninos um maior interesse.

Na atividade subsequente repassei aos alunos um texto com informações cientificamente embasadas sobre aquilo que tinham visto durante o filme. Ele continha as principais características internas da Terra. Como já havíamos discutido bastante a respeito, os alunos não tiveram dificuldades com relação às informações. Durante essa atividade os alunos fizeram associações bastante pertinentes, relacionando o que estava sendo lido com algumas cenas do filme, fato marcante que comprovou o alto grau de envolvimento da turma no processo ensino e aprendizagem.

O trabalho com o documentário “Tapete verde sobre mesa de pedra” trouxe os mistérios e as riquezas da região dos Campos Gerais, o que instigou os alunos pelo fato de serem lugares vinculados ao contexto em que eles se inserem. Apesar de alguns já os conhecerem, poucos os haviam visitado, normalmente tendo apenas ouvido falar ou visto em alguma fonte de informação (TV, internet, panfleto). Embora este material seja de fácil entendimento e com imagens muito atrativas, senti a necessidade de repassá-lo, tendo em vista que a próxima atividade seria baseada nele.

Na oitava atividade, além de possibilitar a compreensão do conteúdo trabalhado, bem como a busca de informações obtidas por eles através de pesquisas em outros meios de informação e comunicação, procurei a socialização entre os colegas de equipe, pois nesta série e faixa etária os mesmos têm uma grande dificuldade em trabalhar em grupo. Sendo assim, cada equipe recebeu um tópico e baseado nele confeccionou um cartaz com as características socioambientais mostradas no documentário “Tapete verde sobre mesa de pedra”. Embora esta atividade tenha sido um pouco mais trabalhosa, fiquei bastante satisfeita com os resultados, pois concluí que tiveram uma aprendizagem significativa quando fizeram a apresentação dos trabalhos para toda a classe.

Propus, na atividade de número 9, um contato direto através do manuseio de amostras das principais rochas e minerais presentes na região dos Campos Gerais, considerando que nesta fase eles precisam deste contato com o concreto. Os alunos fizeram vários questionamentos no momento em que manuseavam as amostras, e nas aulas seguintes alguns trouxeram amostras que tinham em casa ou

encontraram no lugar onde residem para identificação. Foi um trabalho bastante produtivo e satisfatório tanto para mim quanto para eles, comprovando a grande curiosidade característica desta idade.

Com o objetivo de delimitar previamente o trajeto que faríamos e a importância da aula de campo (como se comportar, o que levar, o que observar...) e assim poder realizar observações com mais atenção, convidei o guia de turismo local para uma conversa informal com os alunos. Pude perceber que esta atividade foi de grande valia, pois os alunos já haviam adquirido um conhecimento prévio do lugar e suas características. Após a explicação do guia distribuí aos alunos panfletos sobre os lugares que iríamos visitar, explorando assim os textos informativos e as ilustrações.

No intuito de aprofundar nossos conhecimentos fizemos uma saída de campo ao Canyon do Guartelá, a qual foi de grande importância, tendo em vista o valor didático elevado que a mesma possui.

Para os alunos foi o momento mais importante e marcante do projeto, pois puderam comprovar *in loco* o que haviam trabalhado durante o desenvolvimento de algumas atividades do projeto. Os alunos demonstraram entusiasmo e interesse desde o início da visita. Fomos recebidos pelo guia do parque que nos passou um vídeo sobre a importância dos parques ambientais e suas principais características. Fomos guiados e orientados durante a trilha pelo guia Jefferson Mendes que havia prestado algumas informações antecipadas ainda na escola. Os alunos fizeram várias perguntas e comentários com relação ao que observavam, as quais foram essenciais para o processo ensino-aprendizagem.

No mesmo dia da saída de campo fizemos uma aula-visita conhecendo o museu da cidade de Tibagi (município onde está localizado o Canyon do Guartelá), o qual tem um acervo bastante diversificado de objetos que fizeram parte da história do município com relação à sociedade local e até mesmo a exploração de riquezas minerais no rio Tibagi (diamante). Os alunos mais uma vez se mostraram muito interessados durante a visita monitorada, principalmente na sala onde mostrava a exploração do diamante e seus utensílios, pois já havíamos comentado a respeito do local, comportando-se de modo eufórico.

Na próxima etapa sistematizamos em sala de aula as informações através de um texto contemplando tudo o que os alunos visualizaram, observaram e aprenderam com o auxílio dos recursos didáticos empregados durante a

implementação do projeto. Para que o texto ficasse bem organizado e com todos os acontecimentos na sequência correta, fizemos, primeiramente, uma retomada dos fatos de forma oral, para em seguida fazer o relato escrito.

A atividade final consistiu no preenchimento de um questionário com o seguinte título: “Será que valeu a pena??” Nela se pôde comprovar que realmente o uso de recursos didáticos favoreceu o aprendizado no 6º Ano A, tornando assim mais prazeroso e significativo o conhecimento das geociências.

Isso possibilitou verificar se os objetivos foram realmente alcançados no decorrer da implementação do projeto.

Dos trinta e três alunos da turma, trinta e um responderam de forma clara e bastante entusiasmados com relação a tudo o que aprenderam por intermédio dos recursos didáticos nas aulas de geociências. Na opinião de alguns alunos o filme foi muito interessante porque ajudou a mostrar o que era ficção científica e fatos verídicos e o que havia dentro da Terra e se poderia ou não chegar até lá. Nas palavras de um deles “ficou mais divertido aprender”.

Com relação ao documentário “Tapete verde sobre mesa de pedra”, o qual mostra a nossa região dos Campos Gerais, a maioria ficou atenta no decorrer da apresentação, pois descobriram muitas curiosidades de forma atraente. “No documentário descobri como Vila Velha foi feita e que já foi fundo de mar. Achei muito legal”, comenta uma das alunas.

O que mais chamou a atenção dos alunos foi a saída de campo, pois, “o que a gente aprendeu na sala nós também fizemos na prática”. “Ela me ajudou a saber e me deixou informada e bem sábia e o que eu estudei na aula vimos na saída de campo”. “A aula de campo foi o que mais gostei porque foi muito importante e me ajudou a melhor entender conhecimentos passados em sala de aula”.

Alguns citam a importância do guia que nos acompanhou durante o percurso: “Com a ajuda dele aprendemos muito sobre o que tinha lá”.

Quando questionados se conseguiriam aprender os conteúdos de Geografia se somente assistissem o filme, o documentário e fizessem as aulas de campo e a visita, trinta, dos trinta e um alunos, responderam que não. Perceberam, então, o papel fundamental do professor na construção do conhecimento. “[...] porque a professora nos ajuda a compreender melhor a matéria e os estudos. Ela explicou muitas coisas pra nós que nós não iríamos compreender sem sua ajuda”.

Apenas um aluno disse que “Sim, mas se eu assistisse mais de uma vez, porque eu percebi que quando o guia Jeferson veio ele sabia praticamente tudo o que nós não *sabia* (sic)”.

Observei que, como no filme, durante a saída de campo os meninos se interessaram e participaram mais que as meninas. Faziam perguntas ao guia o tempo todo e se mostravam entusiasmados.

## **6 Considerações Finais**

Em relação ao objetivo principal da intervenção pedagógica aqui relatada, cremos ter alcançado resultados positivos, na medida em que foi oportunizado aos educandos o contato com os mais variados recursos didáticos. Constatou-se o aumento do interesse e participação nas aulas, tornando, assim, o conhecimento mais significativo.

Tudo aquilo que foi planejado foi concluído, apesar de terem sido feitas algumas modificações, as quais não levaram à perda do que havia sido proposto nos objetivos, conteúdos, avaliação etc. Foram, na verdade, de grande valia para o enriquecimento do projeto.

A metodologia utilizada no processo ensino aprendizagem com o uso de recursos didáticos foi satisfatória, já que envolveu atividades de grupo, confecção de materiais e apresentação dos mesmos, manuseio de amostras de rochas, saída de campo e aula-visita. Tais atividades despertaram nos alunos um entusiasmo muito grande.

Verificou-se também que a busca por recursos de acordo com a realidade que os cerca foi de suma importância, visto que temos uma riqueza natural fascinante em nossa região e de certa forma acessível à maioria. A saída de campo e a aula-visita foram muito esperadas por eles, pois aquilo que aprenderam em sala de aula com o uso de bons e atraentes recursos puderam constatar na prática.

Por meio da aplicação da pesquisa “Verificando resultados” foi possível concluir que a maioria dos envolvidos no projeto realmente aprendeu de maneira satisfatória, através do uso de recursos didáticos, como havia sido proposto.

Dentro deste contexto, os resultados observados no decorrer dos trabalhos reforçam a ideia de que devemos buscar complementos interessantes às nossas



aulas expositivas, posto que o mundo está cada vez mais voltado para o domínio técnico da informação e do conhecimento.

## 7 Referências

ALENCAR, Roberta; NASCIMENTO, Rosemy S.; GUIMARÃES, Gilson B. Geociências no ensino fundamental: ciências ou geografia? da história da terra à paisagem local através da geodiversidade da ilha de Santa Catarina. In: III Simpósio Nacional de Ensino de Ciências e Tecnologias, 2012, Ponta Grossa, PR. **Anais eletrônicos...** Ponta Grossa: UEPG, 2012. Disponível em: <<https://blu152.mail.live.com/default.aspx?n=343157608&fid=1#!/mail/ViewOfficePreview.aspx?messageid=f1be788b-a360-11e2-ba12-00215ad7abb2&folderid=00000000-0000-0000-0000-000000000001&attindex=1&cp=-1&attdepth=1&n=1580670068>>. Acesso em: 16 abr. 2013.

BASTOS, Almir Pereira. Recursos didáticos e sua importância para as aulas de geografia. **Conhecimento prático: Geografia**, São Paulo, n.37, p. 44-50, mai. 2011.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento**: os desafios da educação. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de et al. **Utilização de Veículos Alternativos de Comunicação para a Difusão do Conhecimento Paleontológico**. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ ISSN 0101-9759 e-ISSN 1982-3908 - Vol. 30 -1 / 2007, p. 168-174.

FRANÇA, Eliane Teixeira. O trabalho de campo no Ensino Fundamental. In: ARCHELA, Rosely Sampaio; CALVENTE, Maria del Carmen M. H. (Org.). **Ensino de geografia**: tecnologias digitais e outras técnicas passo a passo. Londrina: EDUEL, 2008, p. 147-150.

GUSMÃO, Adriana David Ferreira; SAMPAIO, Andrecksa Viana Oliveira; SAMPAIO, Vilomar Sandes. O ensino da geografia e a produção/utilização de recursos didáticos. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 2005, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2005. Disponível em: <[observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/20.pdf](http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/20.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2013.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Geografia**. Curitiba: SEED, 2008

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática**: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá, PR: Eduem, 2006. 122 p.